

APOIO CULTURAL

Talentos *strategic marketing*
escritório de design

Gráfica Mandacaru

Clube dos Escritores Piracicaba

jornais e revistas da região Petrolina/Juazeiro, entre os quais destaca: *Jornal Folha Verde*, *Jornal de Juazeiro*, *Correio do Sertão*(extinto), *Gazzeta Regional*, *Máscaras-Jornal de Artes*, *O Cerveja-Jornal*, *Revista Com Você*, *Art Pop Zine- Revista Cultural*, *Jornal do São Francisco e Jornal da Cidade*. O poeta possui um acervo com mais de 400 canções de sua própria autoria, nos estilos mais variados, passando pelo forró, samba, rock e já se prepara para este ano lançar seu primeiro CD intitulado *Sacolejos & Manejos* uma coletânea com 14 forrós que buscam dinamizar e melhorar o conceito desta espécie de música no país. Atualmente, Aroldo desempenha a função de Auditor Fiscal na Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia, em Juazeiro/BA, desde março de 1994 após conseguir aprovação em concurso público realizado em outubro de 1993. A partir de outubro de 1998 passou a fazer parte do Conselho Acadêmico do *Clube dos Escritores Piracicaba*, ocupando a cadeira de nº30 que tem como patrono o poeta Brasília Machado. Aroldo Ferreira Leão também faz parte da UBE (União Brasileira de Escritores) - Núcleo de Petrolina. Dentre alguns prêmios literários o poeta destaca a Menção Honrosa recebida da Academia de Letras de Paranapuã no Rio de Janeiro e o terceiro lugar com o conto O Quarto de Teobaldo recebido da AGE Edições em São Paulo.

AROLDO FERREIRA LEÃO

O ECO DAS DISTÂNCIAS

1ª Edição, 2000

DADOS SOBRE O AUTOR

AROLDO FERREIRA LEÃO, poeta, potiguar, nasceu em Parnamirim/RN a 12 de outubro de 1967. Desde os 15 anos de idade escreve com frequência, já contando com mais de 10.000 poemas escritos, que espera algum dia possam ser avaliados e pesquisados. É formado em Engenharia Elétrica, com ênfase em eletrônica, pela UFRN(Universidade Federal do Rio Grande do Norte) em Natal/RN e também obteve créditos de Mestrado, na UFPB(Universidade Federal da Paraíba) em Campina Grande/PB. Começou a publicar seus primeiros trabalhos no jornalzinho cultural *Vôo Primeiro de Uma Arribação* em Natal/RN na década de 80. Possui onze livros publicados, respectivamente, de poesias: *A Trilogia da Dor*, 1995; *Carta a Tio João Cordeiro*, 1996; *Alfabetizando a Alma*, 1997; *Presságios*, 1997; *Sisuda Acidez*, 1998; *A Janela do Sótão*, 1998; *Harmonia Dissonante*, 1999; *Impactos Azuis*, 1999; *O Espelho dos Labirintos*, 1999; *A Alquimia do Impreciso*, 2000; de teatro: *Monólogo das Sombras*, 2000. Está no prelo seu mais recente trabalho intitulado *Diálogo com o Rio São Francisco*, livro de poesias onde o autor procura penetrar fundo na essência do Velho Chico.

*Terra, terra eu sou teu filho
Como as plantas e os animais
Só ao teu chão eu me entrego
Com amor, firmo tua paz*

MILTONNASCIMENTO

*És feliz porque és assim
Todo o nada que és é teu
Eu vejo-me e estou sem mim
Conheço-me e não sou eu*

FERNANDO PESSOA

*As alegrias juntam-se às tristezas
E o carpinteiro que fabrica as mesas
Faz também os caixões do cemitério*

AUGUSTO DOS ANJOS

BIBLIOGRAFIA

I. Livros

I.1. Poesia

- a) *A Trilogia da Dor*, Edição do Autor
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1995;
- b) *Carta a Tio João Cordeiro*, Edição do Autor
Gráfica Franciscana, Petrolina/PE, 1996;
- c) *Alfabetizando a Alma*, Edição do Autor
Gráfica Tribuna do Sertão, Petrolina/PE, 1997
- d) *Presságios*, Edição do Autor
Gráfica Tribuna do Sertão, Petrolina/PE, 1997;
- e) *Sisuda Acidez*, Clube dos Escritores Piracicaba
C.N. Editoria, Piracicaba/SP, 1998;
- f) *A Janela do Sótão*, Editora Mandacaru
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1998;
- g) *Harmonia Dissonante*, Editora Mandacaru
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1999;
- h) *Impactos Azuis*, Editora Gazzeta
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1999;
- i) *O Espelho dos Labirintos*, Editora Gazzeta
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1999;
- j) *A Alquimia do Impreciso*, Editora Mandacaru
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 2000.

CXVIII) Viverás
Em tudo, entenderás
E compreenderás
As coisas que fortalecerás.

CXIX) Surgirás
Com os ventos, seguirás
Teu caminho de solidão, fugirás.

CXX) Esconderás
Tuas sombras, almejarás
Ser todas as coisas e flutuarás.

CXXI) MÚSICA 11

“SERÁS”

Serás
O que procurarás,
Unirás

Inconseqüente,
Componente
De qualquer acidente,

Viveu disfarçadamente,
Persistente
Sonhador sem patente.

CXI) Estás
Atrás
De essências, visões não más.

CXII) Buscarás
A vida inteira por ti, és ás
Vis pós nas estradas, pás
Que nada juntam, chás
Tomados com ananás.

APRESENTAÇÃO

Desde a criação e publicação do meu primeiro livro para teatro denominado *Monólogo das Sombras* venho construindo outros textos teatrais que procuram sempre de uma forma filosófico-músico-poética dialogar com o leitor e ouvinte dos meus textos. No caso específico desta obra tem-se mais um monólogo só que criado de uma forma sutil e interessante. Nela procuro dar ênfase aos sons que as palavras podem emitir. Com o texto dividido em três atos, que podem ser representados de forma livre e espontânea, sem a preocupação de seguir, necessariamente, a ordem dos mesmos, coloco nas cento e vinte inserções que compõem *O Eco das Distâncias* blocos de onze rimas sempre mantidas as mesmas. Isso dá ao som do texto uma característica não muito comum em textos teatrais. Deixo o cenário, iluminação, som e quaisquer outras peripécias teatrais

Às coisas e o transformava
Em mistérios e o condicionava
A viver na paz que o integrava.

- C) Somos a ferida presente
Nos outros, razão sempre imprudente.
- CI) Não evoluímos interiormente
Nem exteriormente.
- CII) Uma mente
Limpa possui uma luz atraente.
- CIII) Numa visão demente
Habita a cor do que está ausente.
- CIV) Somente
Amando podemos dominar nosso lado descrente.
- CV) Uma alma indiferente
Aos anseios de si e dos outros é um perigo freqüente.

O ECO DAS DISTÂNCIAS

(T E A T R O)

- XCI) Calava
Dores e indagações, gostava
De ser gente e caminhava.
- XCII) Bailava
Nos campos da alma, dançava
No infinito e se encantava.
- XCIII) Se moldava
Na ternura, procurava
Compreender a todos e se tornava
Alguém em quem se confiava.
- XCIV) Rumava
Para si mesmo, decolava
Dos seus instintos, vislumbrava
Um mundo humano e se realizava
- XCV) Buscava
Ouvir o que o dedodificava
Nos sentidos, sobrava
Em amor e se tocava.

ATO 1

- I) No estalo
Dos dedos, o ralo
Som de um entalo.
- II) No gargalo
Da garrafa, o canto do galo
No prato de quem soube amá-lo.
- III) No embalo
Das distâncias, o robalo
Que engoliu Jonas sem esperá-lo.
- IV) E o amanhã?! Quem pode torná-lo
Menos confuso e lançá-lo
Em nossas vidas insanas?! Quem vai tratá-lo?!

- LXXXIII) Meu anseio conflitante,
Meu medo acelerado, cantante,
Desgarrado, mas vibrante.
- LXXXIV) Viajante
Sem prumo, sufocante
Idéia desconfiada, eis-me definido, latejante.
- LXXXV) No comediante
Sem graça está a irritante
Piada solta num rosto pedante.
- LXXXVI) Diamante
Sem brilho possui uma desconfortante
Cor, uma luminosidade dissonante.
- LXXXVII) Numa rasante
Sobre meus receios sinto a galopante
Voz do destino a me dizer que sou sempre um iniciante.

X) A palo
Seco é desassistência do som no encéfalo
Do ser que busca escutá-lo.

XI) MÚSICA 01

“TEU ESPÍRITO”

O teu espírito segue no abalo
Do teu medo procurando domá-lo,
Esmiuçá-lo,
Clareá-lo
Nas circunstâncias, contemplá-lo
Nas essências, afugentá-lo
Com a impaciência de um vândalo.

XII) Na picardia
Do dia-a-dia
Há a incidência

LXXVII) MÚSICA 07

“DESPROTEGIDO”

Desprotegido,
Parido
Na fragilidade, comprometido

Com a verdade, sacudido
Interiormente, partido
E desmilingüido,

Compactuou-se com o sentido
Umedecido
Das manhãs num raio de sol nítido.

Que o traduzia
Na magia
Da face aberta à alegria

Dos loucos, à circunstância
Da contingência
Puramente sem aparência.

XV) Sabia
Que teria
Uma forte monotonia
A espreitar seus sentidos, uma carência

Que o impulsionaria
Para a visionária
Sensação de um pária
De essência

LXIX) Sabido
É aquele que ama o conhecido
E o desconhecido
E procura, mesmo dividido,
Ressurgir comovido.

LXX) Inválido,
Sacudido
Por sons estranhos, moveu-se como um bólido
Superaquecido.

LXXI) Gélido
Coração sofrido,
Vivido,
Solto no lívido
Olhar comprido.

LXXII) Não sou parecido
Contigo, decido
O que vou fazer decidido
A investigar meu lado tolhido.

E tremia
Como uma criança que renascia
Na sua nostalgia
Inglória,
Solto em sua própria discórdia.

XVII) A excelência
Do pensamento requer prudência

E sabedoria
Para enxergar a malícia

De um mundo que desafia
Tudo e se recria

Na fantasia
Da mente fictícia.

XVIII) Na inércia
Das coisas desenhou a folia

LXIV) Duvidou
De si e de tudo, atracou
Num cais que nunca viu, aportou
Nas auroras. Involuntariamente, melhorou
E piorou.

LXV) Foi se perdendo, esquecendo de ser gente. Materializou
E espiritualizou
As circunstâncias, roubou
Do tempo a hora que o despertou
Para a vida e o silenciou.

LXVI) MÚSICA 06

“PERGUNTOU”

Perguntou,
Não ouviu respostas. Escutou
Passos na chuva, molhou
Seus argumentos no sol que o queimou

XX) Se dizia
Só, elemento que não se conhecia,
Sem transparência.

Vivia
A incerteza dúbia
Do olhar descrente, a astúcia

Ilusória
Dos seres cansados com a minúcia
Da percepção vadia.

XXI) Colhia
Flores na distância,

Na elegância
Do passo da dor óbvia.

Foi um jardineiro de misantropia
Intensa, descia

- LVI) Se desenhou,
Não gostou.
Pintou
Seu rosto com contradições, se estragou.
- LVII) Voou
Sem se sentir, notou
Que se desnorteou,
Voltou
A si e se enjoou.
- LVIII) Vou
Por onde não podes ir, estou
Onde não podes chegar, sacou!!
- LIX) Alguém nos une e nos separa. Em nós aterrissou
Certas quimeras, se perpetuou
A relutância que nos condicionou
A nos fundirmos ao que nos apaixonou.

- XXIII) Viveu
A alquimia do seu
Eu
- Em paz, adormeceu
No breu
Do sonho plebeu,
- Compreendeu
A dor de quem padeceu
E por si só morreu.
- XXIV) Teu
Amor nasceu
Quando o meu
Se perdeu,
Floresceu

LI) Nunca desacreditar
Em si, vislumbrar,
Com intensidade, o ecoar
Dos sons soltos no escutar.

LII) Sambar
Na imprecisão, esmiuçar
Os sentidos, cavalgar
Nas madrugadas, cultivar
Esperanças, relaxar.

LIII) Fundamental
O espírito no amor, motivar
As células do corpo com otimismo, superar
O que de mau há em nós, vidas largadas num sonho milenar.

LIV) Somos a loucura sem par
Nas almas enfeitiçadas pelo luar
Molecular

XXVI) Defendeu
A verdade, estremeceu
No silêncio do olhar que o conheceu
Pleno, fariseu
Que se doeu
Com o sonho que o acolheu.

XXVII) Se dissolveu
Naquilo que o envolveu,
Distorceu
Idéias, faleceu.

XXVIII) Mordeu
As engrenagens de uma alma escura, comeu
A ferrugem que o corroeu
De forma inumana, mas não o surpreendeu.

XXIX) Sem passado, se prendeu
Às formas que o dividiam, sorveu
O intuito que o absorveu.

ATO 2

- XLV) Podar
A alma, arrancar
De dentro de si um ar
De amor e compreensão, a singular
Vontade de encontrar
Nas coisas um elo ímpar.
- XLVI) Só o amor pode estar
Em tudo, congregar
Almas e sonhos, penetrar
Fundo em qualquer espaço angular.
- XLVII) Esteve sempre por se achar,
Quis devorar
Tudo, mas ficou por ficar,
À toa, desunido e sem se comunicar.

De existir, androceu
A procura de um gineceu
Que nas coisas se recolheu.

- XXXIV) A vida mastigou-o,
Triturou-o
Em partes esquecidas, tornou-o
Menino de pretensões eternas, sedimentou-o
Nas confusões, inovou-o.
- XXXV) O tempo investigou-o
De maneira estrábica, olhou-o
Com a face dos degredos, minou-o
Serenamente, desestruturou-o.
- XXXVI) Algo encontrou-o
Desnortado, afastado de si, embolou-o
Internamente, tocou-o
Com mãos sujas, petrificou-o.

- XXXVII) O amor abraçou-o,
Burlou-o
Repentinamente, fundamentou-o
No sonho, jogou-o
Para a vida, completou-o.
- XXXVIII) Nos ermos esteve. A morte cortou-o
Em partes desiguais, desconcertou-o,
Cansou-o.
- XXXIX) A natureza despertou-o
Com o cheiro das coisas, fitou-o
Assombrado consigo mesmo, acalmou-o.
- XL) O sonho pintou-o
Na eternidade, entregou-o
Ao silêncio dos espaços, deixou-o
Atrelado à força de um coração puro, domou-o.

- XLI) A poesia achou-o
Menino de pressa terna, impulsionou-o
Para a realidade, equacionou-o.
- XLII) A maldade dele e dos outros cansou-o,
Ajudou-o
A entender os corações aflitos, aniquilou-o.
- XLIII) Cada átomo de cada coisa condicionou-o
A enxergar-se melhor, situou-o
Próximo a si mesmo, elevou-o.
- XLIV) MÚSICA 04
- “A BONDADE”
- A bondade inundou-o
De silêncios, coroou-o
Com a luz dos espíritos elevados, contaminou-o
Com intuições lúdicas, norteou-o.

- XXX) Leu
E releu,
No livro de todo silêncio, o poema que distendeu
Sua alma, deserta figura que se roeu.
- XXXI) Quem deu
O melhor de si a vida inteira sabe que valeu
A pena crer no sonho que o reviveu.
- XXXII) Tenso, afônico, meteu
No bolso do espírito a luz que esclareceu
Certas dúvidas sobre os sons de um mundo que não o pertenceu.
- XXXIII) MÚSICA 03
- “BATEU”
- Bateu
De frente com o que o contorceu
Interiormente, esqueceu

- XLVIII) Amar,
Buscar
Se perpetuar
Nas coisas. Cantar
Em paz melodias do mar,
Nadar
Onde se pode se espalhar.
- XLIX) Angústias, ânsias: Não é fácil sonhar
Num mundo que desestimula vôos e riscos. Flutuar
Em si não é impossível, cultivar
Valores e idéias é se integrar
A força de um universo sem lugar.
- L) Desmontar
Atitudes, corrigir-se, lutar
Contra as debilidades, lutar
Na alma a luz de todo pulsar.

No silêncio do ateu
Sorriso que renasceu
Em ti e te reconheceu
Chocho, chocalho que acendeu
O som de qualquer orfeu.

XXV) Se doou ao mundo e percebeu
Que sofreu
Por bobagens. Moeu
Suas esquisitices no pigmeu

Raciocínio sandeu.
Entendeu
A luz que o concebeu
Para a vida e o preencheu
De um certo medo judeu.

Da dor que para nos renovar
Precisou se recriar
Em todo vagar.

LV) MÚSICA 05

“VISAR”

Visar
Unificar
Os desejos, se retratar
Nas fugas, tentar
Degustar,
Com paixão, a linear
Vontade curva que traz uma forma de assustar
Os olhares de alguém sempre a errar
Os caminhos de si, campo que não se consegue plantar.

E subia
As escadas de si mesmo com galhardia.

XXII) MÚSICA 02

“LIA E RELIA”

Lia
E relia
Seu próprio destino. Se polia

No caos da turbulência
Das coisas, paria
A percepção esquecida da incongruência

De toda reminiscência
Unida a uma existência
Que nem sabe se existia.

LX) Quando pensou
Que se renovou,
Estacionou.
Se desmotivou
Facilmente, tocou
Fundo no eco que o moldou.

LXI) Na atemporalidade que te destoou
Se encontrou
A eloquência da voz que te parou
E ousou
Fundir-te ao que te separou

LXII) Morreu, passou
Pela vida sozinho, sondou
Vazios e desestruturas, não decolou.

LXIII) Sou
Alma ansiosa que se cansou,
Vidro que se quebrou
Quando alguém o olhou.

Dos palhaços tristes, a valentia
Da face de luminosidade vária,

A melancia
Plantada numa fria

Várzea encharcada pela esguia
Sensação da alma ímpia.

XIX) Morria
Toda vez que surgia
Do nada, trazia

Em si a ânsia
Dos imperfeitos. Se ardia
Por dentro numa esquizofrenia

Que nunca o deixaria
Em paz e o levaria
Para uma estrada embrionária.

Com a luminosidade dos instantes. Cristalizou
Sorrisos, vivenciou
A beleza daquilo que o incitou
A ser ele mesmo, que o modificou

Para melhor e o transformou
Em alguém único. A vida o deformou
E o juntou
Ao redor dos descompassos, o remodelou.

LXVII) Perdido,
Confundido
Com tanta perspectiva, viu-se recolhido
E sonhador, acometido
Por uma febre que o deixou tímido.

LXVIII) Um espírito aguerrido
Sabe que para estar limpo, polido,
Deve tirar o que de fétido
Há nele e seguir ávido.

Cristalina. Sua correria
Terminaria
Na imprudência
Da lógica doentia.

XVI) A vida ruía
Nele, o abria
Para o tempo. Crescia,
Se movia
Por dentro de si mesmo como uma ga

Que pulava a divergência
Do ato exposto à ciência
Dos olhares sensatos, à impaciência
Do coração que, na primeira ausência,
Batia

LXXIII) O ácido
Das contingências tem mantido
As coisas num tom amarelecido.

LXXIV) No zumbido
Diluído
Em ti há o sustenido
De um acorde entristecido.

LXXV) Desprovido
De si, viu-se despido
E envelhecido,
Corroído
Por angústias tolas, destituído
De humanidade, cálido.

LXXVI) Convencido
De que fazia parte de um renhido
Sistema estabelecido
Por dores secas, isolou-se, urdido.

- XII) Na picardia
Do dia-a-dia
Há a incidência
- Da vazia
Maldade que, merencória
E obnoxia,
- Reconstrói a azia
Lúdica da melancolia
Que me traz a poesia.
- XIII) Somos a via
Fechada, tardia
Possibilidade de fantasia
Numa mente impia.
- XIV) Queria
A luz fugidia
Dos instantes bons, a ousadia

ATO 3

- LXXVIII) Errante
Vida que me detém, desgastante
Vazio que me envolve, ultrajante.
- LXXIX) Distante
De mim existe a circulante
Noção que, insinuante,
Traz meu passado ululante.
- LXXX) Meu espírito é navegante
Solitário, conhece abismos e delícias. Adiante
Do tempo procura alguma coisa tonitruante.
- LXXXI) Meu canto garante
Minha vida, me decodifica na possante
Realidade que toma conta do meu ser aberrante.
- LXXXII) Fez um implante
Das leituras de Dante
Na alma, viveu mais atuante.

- V) E o tempo?! Por ignorá-lo
 Estamos reiniciando tudo, por maltratá-lo
 Nos especializamos em matá-lo.
- VI) E o sonho?! Todo mundo resolveu soprá-lo
 De encontro as suas angústias, empurrá-lo
 No silêncio da dor de um pé com calo.
- VII) E o medo?! Ao sondá-lo
 Demais construímos uma vontade de aniquilá-lo,
 Mas nada conseguimos. Fizemos apenas moldá-lo.
- VIII) E o silêncio?! Burilá-lo
 Em nós mesmos é a meta, tocá-lo
 Com sutileza é o segredo do olho do cavalo.
- IX) O sândalo
 Que perfuma nosso desencontro tenta ampará-lo
 Na incerteza e, tão somente, deformá-lo.

LXXXVIII) MÚSICA 08

“DECEPCIONANTE”

Decepcionante
 Uma vida sem esperanças, horripilante
 Não sonhar, frustrante
 Não esperar nada de ninguém, insignificante

Um caminho que não pode ser compartilhado. Contagiante
 Um coração apaixonado, incitante
 Poder amar sem desejar qualquer coisa em troca, fulgurante
 Um indivíduo sereno e bondoso. Viver tem seu lado interessante.

LXXXIX) Deslizava
 No que acreditava
 Ser sua alma, amava
 Sons são e se empolgava.

XC) Parava
 Nos segundos, contava
 Seus senões e se retratava.

XCVI) No orvalho estava
Seu olhar, se encontrava
A beleza do que o iluminava.

XCVII) Contornava
Obstáculos, realizava
O sonho dos loucos e se idealizava.

XCVIII) Se esticava
Para pegar o eco do que apregoava
Ser aquilo que o perturbava.

XCIX) MÚSICA 09

“SE DESESTABILIZAVA”

Se desestabilizava
Com insistência, se interrogava
No silêncio que passeava
Por ele. Ruminava
Nas madrugadas, fundamentava
Sua vida no amor que o agregava

a cargo do diretor ou ator que for representar o texto. Só peço gentilmente ao ator que procure um meio de tornar no ouvinte o diálogo mais acessível e deslumbrante. Sei que não é fácil, mas acredito existir alguém que possa levar meu texto a ouvidos e mentes capazes de compreender minha mensagem aqui neste mundo ou em outros, quem sabe. Minha vida tem sido uma intinerante busca de mim mesmo, acredito que em *O Eco das Distâncias* mais uma vez tento decodificar sinais de humanidade em mim, criatura de silêncio cativo, ativo ser de poesia intensa.

O autor

- CVI) Valente
É a criatura que sempre segue em frente.
- CVII) Toda torrente
De idéias contém uma vibração eloqüente.
- CVIII) Doente
É o espírito que não vê em si um sol nascente ou poente.
- CIX) Somos totalmente
Insensíveis, mas temos jeito, fatalmente.
- CX) MÚSICA 10
- “CARENTE”
- Carente,
Decadente,
Inovou-se precipitadamente.

I.2. Teatro

- a) *Monólogo das Sombras*, Editora Mandacaru
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 2000.

II. Antologias

- a) *Novos Poetas no Rio Grande do Norte*,
Fundação José Augusto
Gráfica Manimbu, Natal/RN, 1990;
- b) *Um Dia A Poesia*, Ayres Marques
Gráfica Santa Maria, Natal/RN, 1996;
- c) *Poética Ribeirinha*,
Antologia Literária de Petrolina - 1995,
Elisabet Gonçalves Moreira
Universidade de Pernambuco, Recife/PE, 1998;
- d) *Opúsculo do Conselho do Clube dos Escritores
Piracicaba*,
C.N. Editoria, Piracicaba/SP, 1998;
- e) *I Antologia Nau Literária*,
Editora Komedi, Campinas/SP, 1999;
- f) *Dicionário Bibliográfico de Escritores
Brasileiros Contemporâneos*, Adrião Neto
Edições Geração 70, Teresina/PI, 1999;
- g) *Escritores Brasileiros Contemporâneos
em Prosa e Verso*, Adrião Neto
Edições Geração 70, Teresina/PI, 1999.

CXIII) Lilás
Dia escuro, manás
Na alma, blá-blá-blás
Díficeis de ouvir como o bocejo dos carcarás.

CXIV) Ninarás
Tua ausência, cantarás
Melodias longínquas, visitarás
As cores que um dia pintarás.

CXV) Pertencerás
Aos vendavais, porás
Em ti dós, rés e fás
Como notas que jamais tocarás

CXVI) Comporás
Teus acordes, escutarás
Sons que executarás.

CXVII) Voltarás
A ti, mudarás
Teus hábitos e morrerás.

A Corrinha e Isabela, lindas como meu silêncio;

A Solange, que perdeu a mãe a poucos meses, e possui uma bondade que emociona;

A Tia Dadá, que mesmo distante, ainda é, para mim, uma voz de imensa alegria;

Às Donas Santas. A primeira, que me viu nascer, morreu quando eu era criança em Parnamirim/RN; A segunda, que quase nada escuta, é uma velhinha de espírito jovem que hoje se restringe a habitar uma casa em Petrolina/PE.

Em torno de ti aliás
E formigas gentis, saberás
Lidar com os sabiás

E os tamanduás,
Existirás
Para ser fraterno e explodirás.

FIM

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

869.1
L438m LEÃO, Aroldo Ferreira, 1967 -
O Eco das Distâncias / Aroldo Ferreira Leão -
Petrolina: Gráfica Mandacaru, 2000.
56p;il.,(Biblioteca da Fac. de Form. de
Professores de Petrolina / PE; Peça Teatral,12)

1. Literatura Brasileira. 2. Peça Teatral
I. Título.

MGBS-BFFPP CDD-869.1
 CDU-869.0(81)1

ISBN 00-0003

Índice para Catálogo Sistemático

- 1.Literatura Brasileira: Século 20: Peça Teatral 869
- 2.Século 20: Peça Teatral: Literatura Brasileira 869

Aparece em sete antologias, respectivamente: *Novos Poetas no Rio Grande do Norte, 1990*, livro organizado pela Fundação José Augusto com 43 poetas ganhadores de um concurso literário realizado em 1989 em Natal/RN; *Um Dia a Poesia, 1996*, livro e vídeo, organizados por Ayres Marques em Natal/RN; *Poética Ribeirinha-Antologia Literária de Petrolina-1995, 1998*, livro organizado por Elisabet Gonçalves Moreira em Petrolina/PE; *Coletânea do Conselho do Clube dos Escritores Piracicaba, 1998*, organizado pelo próprio Clube junto à C. N. Editoria em Piracicaba/SP; *I Antologia Nau Literária, 1999*, editado pela Editora Komedi com diversos escritores brasileiros em Campinas/SP; *Dicionário Biobibliográfico de Escritores Brasileiros Contemporâneos, 1999*, elaborado por Adrião Neto em Teresina/PI; *Coletânea de Escritores Brasileiros Contemporâneos em Prosa e Verso*, também elaborada por Adrião Neto em Teresina/PI. Aroldo também escreve crônicas, contos, romances, textos para teatro. Em breve estará publicando seu primeiro livro de crônicas denominado *Silêncios Atemporais*, uma coletânea com diversas crônicas escritas em diversos

**PROJETO GRÁFICO
DIAGRAMAÇÃO, ARTE FINAL
ILUSTRAÇÃO DA CAPA**

Talentos Strategic Marketing

Dio Fonseca - design

Fones: (0**74) 611 3703

(0**74) 9997 8607

IMPRESSÃO

Gráfica Mandacaru

Rua São Vicente de Paula, 119

Centro

Petrolina - PE

Fonefax: (0**81) 861 1761

(0**81) 862 1256

LANÇAMENTO

Clube dos Escritores Piracicaba

Rua Jacob Diehl, 77

Fonefax: (0**19) 433 8568

Piracicaba - SP

COPYRIGHT©AROLDO FERREIRA LEÃO

Impresso no Brasil - 2000

**ENDEREÇO DO AUTOR
PARA CORRESPONDÊNCIA**

Rua Antônio Santana Filho, 600

Centro

Petrolina/PE

56.300-000

Fones: (81) 861 4752

(81) 9103 1998

e-mail: aroldoferreiraleao@silcons.com.br